Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem)... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 392

11 DE NOVEMBRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.


SUAS MAGESTADES EL-REI D. CARLOS E RAINHA D. MARIA AMELIA

Segundo uma photographia de Fillon)

# CHRONICA OCCIDENTAL

O nosso amor proprio de critico theatral acaba de alcançar um triumpho enorme, que o lisongeou immenso.

Esse triumpho foi o grande successo que Lucinda Simões obteve no theatro do Principe Real; esse triumpho é o côro unisono de louvores enthusiasticos á grande actriz, entoado por todos os jornaes de Lisboa, são as censuras asperas, mas justificadissimas, por todos esses jornaes, feitas a quem quer que seja que tenha a culpa de Lucinda Simões, a primeira actriz portugueza, não estar no primeiro theatro do nosso paiz, d'aquelle extraordinario talento, o mais brilhante, o mais finamente e modernamente artistico da scena portugueza, não resplandecer no primeiro palco da nossa cidade, e ter que se refugiar n'um theatro de segunda ou terceira ordem, theatro que, nem pela sua companhia, nem pelo seu reportorio, nem pelo seu publico, está á altura dos previlegiados recursos d'aquella excepcional artista.

Ora tudo isso que hoje todos os jornaes unanimemente e enthusiasticamente reconhecem, dissémos nós ha 14 annos, em 1875, quando Lucinda Simões, depois de uma longa ausencia, voltou a Portugal, e reappareceu, deslumbrante de talento e de arte, no velho theatro das Variedades, o unico que então, como hoje o Principe Real, lhe abriu as suas portas, e de então para cá temol-o dito todas as vezes que temos fallado de Lucinda Simões, dissémol-o quando ella esteve no Gymnasio, dissémol-o quando ella conquistou em Madrid um triumpho collossal, triumpho que foi uma gloria para Portugal, e que Portugal lhe pagou recebendo-a á pateada, quando ella, coberta dos louros d'essa victoria tão importante, tão difficil e tão gloriosa, reappareceu no theatro dos Recreios.

E não tivemos poucas semsaborias por causa da franqueza e da sinceridade com que emittimos a nossa opinião ácerca de Lucinda Simões, semsaborias aliás naturalissimas n'uma terra pequena em que toda a gente se conhece e em que não ha ninguem que não seja, ao menos uma vez na vida, classificado como primeiro no seu genero por qualquer panegyrista enthusiasta: — essas semsaborias, porém, não modificaram em cousa alguma o nosso juizo ácerca da extraordinaria actriz, e são hoje largamente compensadas por vêrmos ao nosso lado, a corroborar a nossa opinião, todos os criticos mais notaveis, todos os jornalistas mais illustres.

E é sempre uma grande consolação para quem não tem a louca vaidade de se julgar infallivel, vêr as suas opiniões em arte corroboradas por auctoridades incontestaveis, sobretudo quando essas opiniões são um pouco contra a corrente geral do sentir do publico.

Ha pouco tempo ainda tivemos duas d'essas grandes consolações: uma, quando Sarah Bernhardt reappareceu agora em Paris; outra, quando no anno passado o *Romeu e Julietta*, de Gounod, passou da *Opera Comique* para a *Opera* de Paris, cantado pela Patti e por Jean De Reské.

Somos admiradores enthusiasticos de Sarah Bernhardt, como imaginamos que não póde deixar de ser quem uma vez ao menos tenha tido o raro prazer de vêr representar essa phenomenal actriz; da ultima vez que ella esteve em Lisboa, porém, a nossa admiração, apesar de enorme, soffreu certas restricções.

Sarah Bernhardt maravilhou-nos positivamente na *Fédora*, na *Dama das Camelias*, no seu pessimo drama *L'aveu*, em todo o seu reportorio, em summa; mas nas peças em verso, e especialmente n'um pequeno acto *Jean-Marie*, a melopêa monotona, a cantilena com que ella declamava o verso impressionou-nos desagradavelmente.

Aquillo não era fallar, era cantar; o que ella dizia não eram phrases declamadas, eram arias, romanzas e cavatinas, tudo o que ha de mais falso, de mais convencional no theatro, e que contrastava tão singularmente com a suprema verdade, que é o maravilhoso segredo da grande actriz em todos os seus papeis.

Dissémos esta opinião, um pouco a medo, como quem commette um sacrilegio, a algumas pessoas que assistiam a nosso lado ao espectaculo. E todas ellas gritaram logo: «Blasphemia!» E algumas olharam-n'os com um sorriso de piedade, que queria dizer evidentemente:

— Ora o pateta! Notar defeitos em Sarah Bernhardt! Em Sarah Bernhardt, que é a primeira actriz do mundo! Ella que diz o verso assim, é porque assim é que é! Sempre ha gente!

Não discutimos, ficámos com a nossa opinião, e explicavamos a nós mesmo essa cantoria da velha escola com que Sarah Bernhardt nos apparecia n'essas peças, com uma d'essas liberdades que os artistas, mesmo os mais illustres, se permittem quando sáem fóra do seu meio habitual, quando se acham longe do seu publico e dos seus criticos e procuram os applausos de espectadores desconhecidos.

Ha mezes, Sarah Bernhardt volta a Paris e debuta n'uma peça nova *Léna*, e Francisque Sarcey, Auguste Vitu, Bernard Derosne, e os criticos mais auctorisados de Paris festejam muito a reapparição na scena franceza da grande comediante, não poupam elogios ao seu trabalho, mas entretanto notam-lhe e censuram-lhe a cantilena, que por vezes altera toda a verdade da sua declamação, e que dizem ser perfeitamente indigna de uma actriz moderna, e, sobretudo, de uma grande actriz como Sarah Bernhardt.

A respeito do *Romeu e Julietta*, de Gounod, aconteceu-nos a mesma agradavel cousa.

Quando a opera se deu pela primeira vez, ha dois annos, em S. Carlos, não nos produziu essa grande impressão de enthusiasmo, que sentimos ante obras primas.

Achámos a opera um pouco massadora, o duetto de amor do *Fausto* paraphraseado com menos inspiração e alongado durante quatro longos actos. Dissémos esta nossa impressão a alguem, muito entendido em assumptos musicaes, e que se escandalisou muito com a nossa falta de gosto artistico, com a nossa não comprehensão da partitura do mestre.

Ouvimos a opera todas as vezes que ella se cantou em S. Carlos, á espera sempre de modificar essa nossa primeira opinião, mas a impressão da primeira noite repetiu-se em todas as audições successivas, e o *Romeu e Julietta* dava-nos sempre uma sensação de cançaço, de fadiga.

Em novembro do anno passado, o *Romeu e Julietta* sobe á scena na *Opera* de Paris, e com um grande prazer encontrámos na apreciação de um dos primeiros criticos musicaes da actualidade, Victor Wilder, os seguintes periodos:

«Disse-o já uma vez: escrevendo a partitura do *Romeu*, Gounod foi perseguido pela idéa de dar um *pendant* ao seu *Fausto*.

«Concorda-se geralmente que elle conseguiu isso, e eu não tenho repugnancia em collocar-me ao lado da opinião geral; mas é preciso confessar que a sua preoccupação de renovar um successo antigo, por meios de que elle experimentára já o effeito, é muito sensivel, e tráe-se a cada pagina da sua obra.

«Se *Fausto* não existisse, *Romeu* seria talvez a melhor partitura de Gounod; mas basta a presença do modelo para fazer mal á copia. A comparação apresenta-se imperiosamente e importunanos: com o desejo mais ardente de ser imparcial, não é possivel affastal-a.»

Depois, Victor Wilder cita os trechos e as situações identicas da partitura, e termina:

«Emquanto ao celebre duetto do jardim, é a nodoa de azeite, alastra-se por toda a partitura.

«Sente-se despontar no 2.º acto, vê-se desenvolver no 3.º, avolumar no 4.º, e até na scena dos tumulos vêm importunar-nos com a sua nota melodiosa e monotona.

«Acabo de escrever uma palavra que marca, na minha opinião, o defeito mais grave da obra: a partitura do *Romeu é monotona*, e a *fadiga que se sente ao ouvil-a* deve arrancar esta confissão aos mais ferverosos adeptos do mestre.»

Comprehendem, decerto, o enorme prazer que o nosso amor proprio de critico teve ao lêr estas linhas de Victor Wilder. Foi esse mesmo prazer que tivemos agora, que, infelizmente, por motivo de doença não podémos assistir á reapparição de Lucinda Simões no Principe Real, e saudal-a na sua prodigiosa creação da baroneza d'Ange, — ao vêr o effeito enorme produzido por Lucinda Simões em toda a gente, e ao lêr em todos os jornaes que Lucinda Simões é a primeira actriz portugueza, e que o seu logar era indubitavelmente, incontestavelmente no theatro de D. Maria II.

Ha quatorze annos que pensamos e dizemos isso mesmo, e folgamos muito hoje de vêr que toda a gente o pensa e o diz tambem.

A respeito do *Demi-Monde* no theatro do Principe Real nada podemos dizer, pelo motivo que já citámos, de não termos podido, por doença, assistir á sua primeira representação. Não perderemos entretanto a primeira occasião que se nos offerecer de ir vêr a famosa comedia de Dumas filho, e depois diremos do seu desempenho pelos outros artistas, que pela Lucinda Simões já sabemos, por n'ella a termos applaudido muitas vezes, ser do principio a fim positivamente magistral.

No theatro de S. Carlos tivemos n'estes dez dias decorridos, mais duas operas, o *Rigoletto* e o *Trovador*, nos quaes travámos conhecimento com dois artistas inteiramente novos para Lisboa, a *prima-dona* Emilia Corsi e o barytono Menotti.

A *prima-dona* Emilia Corsi é filha do tenor Achilles Corsi, que, ha annos, tanto agradou em successivas épocas em S. Carlos pelo seu distincto talento e pelo seu primoroso methodo de canto.

Achilles Corsi é casado com uma filha do celebre tenor Naudin, o creador do *Vasco da Gama* da *Africana*, e foi em Lisboa, n'uma das épocas em que Achilles Corsi cantava em S. Carlos, que sua esposa deu á luz a famosa e talentosa creança, que o publico de S. Carlos acaba de acolher com uma ovação verdadeiramente triumphal.

Emilia Corsi tem 20 annos, é uma *signorina* gentilissima, graciosa, bonita, e possue uma voz de bello timbre, uma voz muito mais de soprano dramatico do que de soprano ligeiro.

Discipula de seu pae, um artista consumado, Emilia Corsi, filha e neta de cantores notabilissimos, é, aos 20 annos, já uma mestra primorosa na arte de canto, e causa verdadeira admiração vêr uma cantora d'aquella edade, positivamente no alvorecer da sua carreira, no dia immediato ao dos seus debutes, já senhora de todos os segredos da arte, mestra consumada, como se estivesse no fim de uma longa e laboriosa carreira.

Essa profunda sciencia do canto, alliada a uma voz lindissima, fresca, nova, em que vibra uma alma de artista, ardente e impressionavel, fizeram, como não podia deixar de ser, um grande e legitimo successo da sua estreia em Lisboa.

Essa estreia foi no *Rigoletto*, na parte de *Gilda*, que temos visto desempenhada pelas mais notaveis artistas que teem atravessado o palco de S. Carlos; e Emilia Corsi sahiu-se brilhantemente, triumphantemente de todos os confrontos com essas recordações gloriosas.

Logo á sua entrada em scena, ás primeiras phrases que ella disse, o publico conheceu que tinha ali defronte de si, n'aquella juvenil cantora, uma artista consumada.

Voz lindissima, de uma afinação irreprehensivel, de uma grande flexibilidade no canto da melhor escola, uma profunda intuição artistica, a comprehensão nitida e perfeita do que canta, traduzindo na inflexão e na expressão a palavra que acompanha a nota, para nós a qualidade essencial de toda a cantora moderna, foram os magnificos dotes artisticos que Emilia Corsi revelou logo nas suas primeiras phrases, que sustentou brilhantemente em toda a opera, e que lhe valeram a ovação collossal que lhe fez o publico todo.

Menotti, o barytono que se estreiou n'essa opera, teve tambem uma estreia triumphal. E foi maior o triumpho quanto mais arriscada era essa estreia n'uma opera, que, a ultima vez que se representou em Lisboa, teve um *Rigoletto* verdadeiramente excepcional, o illustre cantor portuguez Francisco d'Andrade.

Ser o primeiro a cantar o *Rigoletto* em Lisboa, depois de Francisco d'Andrade, e ter uma ovação, é um verdadeiro triumpho, e foi isso o que teve o sr. Manotti.

Evidentemente, o distincto barytono italiano não nos fez esquecer o nosso illustre compatriota n'essa opera, mas agradou-nos muito; e, sustentando sempre notavelmente o personagem do bobo, teve momentos em que foi perfeitamente magistral, como no monologo e no duetto do 2.º acto, e no allegro final do 3.º acto, que cantou com uma energia e uma intenção dramatica realmente extraordinarias, e que fizeram com que o publico, enthusiasmado, tivesse uma exigencia quasi selvagem, pedir *bis* a esse trecho violentissimo, que deixa arrazado um artista.

Menotti repetiu o allegro com egual brio e talento, e teve então uma ovação collossal.

O distincto tenor portuguez Antonio d'Andrade, escripturado para um certo numero de recitas, debutou tambem n'esta opera, em que, ha dois annos, tanto agradára.

Antonio d'Andrade estava visivelmente incommodado n'essa noite, — incommodo que se tem prolongado, e que lhe fez rescindir a sua escriptura, apesar de todas as instancias da empreza, — estava muito nervoso, e, apesar de cantar toda a opera com a sua primorosa arte, não encontrou o successo que já n'essa opera tivera. O publico estava para com elle de uma frieza quasi hostil e incomprehensivel quando se trata de um cantor distincto como elle é, e, além d'isso, nosso compatrio-

ta; essa frieza mais nervoso o tornou ainda, e prejudicou ainda mais o seu trabalho, que já se resentia do incommodo de saude que o atacára na vespera, e que lhe não fez addiar a sua estreia, por não querer prejudicar o andamento regular do theatro.

O *Trovador* cahiu redondamente na primeira noite. O tenor Aramburo continuou a ser no *Manrico* o mesmo artista-esphinge que fôra na *Favorita*. Tão depressa era magnifico como detestavel. Nos trechos em que se esperava mais d'elle, como no *Miserere* e no *Corro a salvar-te*, foi exactamente onde elle mais deixou a desejar, é d'ahi ruidosas manifestações de desagrado, que mataram a opera, que a empreza teria feito muito melhor em não tirar do archivo, e que não serviu senão para comprometter a *prima-dona* Bulicioff, que, no *Mephistopheles*, tanto agradára, e para sacrificar o barytono Colletti, que não póde de fórma alguma com as responsabilidades da parte do conde de Luna.

E d'este modo, apesar de ter apresentado já uma *primadona* que teve grande successo como Emilia Corsi, uma *prima dona* dramatica que agradou muito como a sr.ª Bulicioff e um excellente barytono como o sr. Menotti, um baixo muito destincto como o sr. Ercolani, a empreza apesar de ter já dado quatro operas ainda não tem nenhuma que possa viver no cartaz e está ainda sem reportorio.

Se o tenor Aramburo tivesse agradado como se esperava, se Antonio de Andrade não tivesse adoecido, não teria acontecido isto, mas se a empreza lucta com uma difficuldade terrivel, a falta d'um tenor bom, difficuldade tanto maior quanto não é facil remedial-a, a não ser que o nosso conhecido tenor Ortisi, que já está escripturado e deve chegar em breve, agrade muito, tenha um successo, o que nós sinceramente desejamos.

*Gervasio Lobato*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### SUAS MAGESTADES

### EL-REI D. CARLOS E RAINHA D. AMELIA

Morreu o rei, viva o rei, é esta a phrase pronunciada ao exhalar-se o ultimo suspiro do monarcha que expira e ao começar o reinado do monarcha que lhe succede.

N'estas palavras está implicitamente a affirmação de que o rei não morre, isto é, a monarchia não soffre interropção, desde que a sua successão está legalmente prevista. Assim o que morre é o homem e é sobre o seu cadaver ainda tepido que o successor inaugura o novo reinado, jurando manier as leis do paiz, juramento que é depois confirmado na presença das camaras legislativas, reunidas para este fim, e a que se segue a acclamação publica e solemne do novo Rei, pelo povo.

Apesar, porém, do Rei não morrer é todavia certo que cada reinado tem a sua feição especial, concequencia necessaria do caracter do Rei e da epocha e circunstancias em que governar, d'onde resulta, sempre que se inaugura um novo reinado, uma interrogação.

E' essa interrogação que n'este momento se formula no espirito de todos os portuguezes, a que só a esperança lhes póde responder, cheia de fé ou de descrença, consoante o optimismo ou o pessimismo dos espiritos em que se abrigar.

O novo monarcha que subiu ao throno vem precedido das honrosas tradicções de seu augusto pae. A sua educação foi dirigida de modo a preparal-o para o alto cargo a que o berço o destinou, e encontra o paiz n'um periodo de civilisação suffecientemente adiantada, para facilitar a continuação dos seus progressos, tão felizmente iniciados no reinado que findou, e que são as mais justas aspirações da nação portugueza.

Sob estas condicções não póde deixar de surrir a esperança no novo reinado.

D. Carlos I completou 26 annos de idade no dia 28 de setembro, e está, portanto, em toda a florescencia da vida, cheio de fé no futuro, e sob tão prometedores auspicios não é licito duvidar que o novo reinado seja tão feliz como o que acaba de passar á historia.

D. Carlos assumiu a regencia do reino por duas vezes quando seu augusto pae fez duas viagens ao extrangeiro, em 1886 e em 1888, e durante essas duas regencias nada de extraordinario occurreu na politica, em que tivesse de entervir o poder moderador.

A vida de D. Carlos, portanto, não offerece ainda factos sujeitos á critica do biographo. Filho do Rei D. Luiz I e da Rainha D. Maria Pia, deslisou a sua vida de principe entre os affectos paternaes e as preoccupações do estudo, e quando o seu coração precisou confiar a outro os segredos do seu amor, encontrou a seu lado a gentil princeza que o amava e que escolhera para partilhar do seu destino.

D. Maria Amelia d'Orleans, filha dos Condes de Paris, nasceu em Inglaterra a 28 de setembro de 1866, quando seus paes ali se achavam exilados, em virtude das questões politicas que tem agitado a França.

O seu casamento não obedeceu precisamente a conveniencias de politica internacional, como geralmente acontece em casamentos reaes. Foi um casamento de amor e por isso o que mais garantias offerece de uma felicidade conjugal.

No pouco tempo que a gentil princeza tem vivido entre nós, adqueriu todas as sympathias a que lhe dão direito a sua illustrada educação e extrema afabilidade.

Para coroar este feliz consorsio nasceu a 21 de março de 1888, o Principe da Beira, que hoje conta dois annos e quasi nove mezes de idade.

Depois d'este já nasceu uma infanta que morreu momentos depois de vir ao mundo, no palacio de Villa Viçosa, e actualmente Sua Magestade espera a cada momento ser novamente mãe.

N'estas breves notas se resume por emquanto a vida de Suas Magestades El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia.

A Historia começa agora e que ella possa registar paginas gloriosas do reinado que principiou é o que todos os portuguezes amantes da sua patria mais anhelam.

### BENTO DA FRANÇA

No dia 21 do mez passado morreu em Aveiro um dos mais distinctos militares do nosso exercito, o sr. Bento da França Pinto de Oliveira, coronel commandante de cavallaria n.º 10.

N'estes tempos de paz que vamos atravessando não se podem encontrar feitos d'armas na vida de um militar que principiou a sua carreira em 1851, mas nem por isso se devem esquecer os serviços d'aquelles que os tem, mesmo d'entro d'esta paz otaviana.

Bento da França Pinto de Oliveira descendente de uma familia illustre pelas lettras e pelas armas, não desmereceu do valor de seus maiores, conservando as tradicções herdadas, de valor, intelligencia e honradez, que todas reunia no mais perfeito conjuncto formando um cavalheiro prestante e estimavel.

Filho do conde da Fonte Nova, bravo militar que figurou nas campanhas da liberdade, nasceu na cidade do Porto a 30 de dezembro de 1833.

Procurando de criança seguir a carreira das armas, fez a sua educação no Real Collegio Militar, concluindo o curso em 1851, e n'esse mesmo anno sentou praça em cavallaria n.º 2, lanceiros da rainha.

Cedo, porém, principiou a servir a patria além do que lhe impunham as obrigações contrahidas ao alistar-se nas fileiras do exercito, porque em 1853 quiz passar a servir em Moçambique para onde foi no posto de alferes.

Iniciava assim a sua longa carreira de serviço no Ultramar, porque, em 1855 por decreto de 24 de julho, foi nomeado para servir ás ordens do governador geral da India, conde de Torres Novas.

Quatro annos depois, em 1859, passou para o governo de Cabo Verde, ás ordens do governador Visconde de S. Januario e do seu successor Sebastião Lopes Calheiros e Menezes, passando com este governador para a provincia de Angola.

Foi depois de nove annos de serviço no ultramar que Bento da França regressou á metropole, em 1862, sendo promovido a tenente para o regimento de cavallaria n.º 1, em 30 de novembro de 1864.

E' extremamente honroso para o illustre militar o modo como elle desempenhou as suas commissões de serviço nas possessões portuguezas, e a competencia que revelou no desempenho d'essas commissões, indicação segura para as que lhe foram confiadas de futuro.

Assim, em 1868 foi nomeado ajudante de campo do ministro da guerra Salvador de Oliveira Pinto da França, seu irmão, que pouco tempo conservou a pasta por motivo de fallecimento.

Em 1868 voltou a desempenhar egual commissão junto do ministro da guerra, José Maria de Magalhães, deixando este lugar em julho do mesmo anno e voltando a fazer serviço em cavallaria n.º 4.

Por decreto de 18 de novembro de 1869 foi nomeado adjunto á Direcção da Secretaria da Guerra.

Em 1872, por decreto de 12 de setembro, foi promovido a capitão para cavallaria n.º 7, e por este tempo desempenhou o logar de ajudante de campo do ministro da guerra Florencio de Souza Pinto.

Foi tambem ajudante de campo de Fontes Pereira de Mello, quando este estadista dirigiu a pasta da guerra, commissão de que foi exonorado, passando para vogal da commissão do codigo de legislação militar.

Apesar de um tanto arruinado de saude pela sua estada de nove annos no ultramar, não exitou em acceitar o cargo de governador de Timor para que foi nomeado por decreto de 21 de dezembro de 1881, sendo n'essa occasião elevado ao posto de major sem prejuizo dos officiaes mais antigos.

A sua saude, porém, não lhe permettiu conservar-se por muito tempo n'aquelle governo, tendo de voltar á Europa um anno depois, com muito sentimento dos seus governados que o estimavam como a um dos melhores governadores que ali tem estado.

Regressando a Lisboa em maio de 1883, foi depois despachado, no posto confirmado de major para cavallaria n.º 1, passando em novembro d'esse mesmo anno para chefe da repartição do gabinete do ministro da guerra.

Em 1884 por decreto de 31 de outubro, foi promovido a tenente coronel para o estado maior da arma, e em 1886, com a demissão do gabinete regenerador, pediu a exoneração de chefe da repartição do gabinete que desempenhava.

Passou depois a fazer serviço em cavallaria n.º 1, n.º 8 e n.º 4, até que, por decreto de 4 de julho de 1886 foi promovido a coronel e commaudante de cavallaria n.º 10 aquartelada em Aveiro.

Mantenedor da disciplina e da instrucção do exercito soube instruir o seu regimento e fazer-se estimar pelos seus subordinados.

Eis em rapidos traços algumas das notas biographicas do illustre militar, que o exercito portuguez acaba de perder tão permaturamente, e que na sua curta vida lhe prestou bons serviços quer na fileira quer na secretaria.

### CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

#### A LINHA DE CASCAES

Tinhamos já, apesar de que não em grande numero, linhas ferreas de utilidade, vias destinadas como que sómente a negocio, a transportar o individuo que tem que ir a uma maior ou menor distancia, tratar da sua vida, ou excepcionalmente tomar banhos, ou ares de campo, com a familia, os fortes bahus encoirados, as malas atacadinhas de roupa, para um mez, a gaiola com o canario e o cão latindo receioso, no compartimento do *fourgon*.

Tinhamos tambem as grandes communicações que nos levavam aos paizes estrangeiros, commodamente recostados nos fofos *lits-toilettes* ou *Sleepings-cars*, para que não sentissemos a fadiga das longas viagens.

Faltavam-nos as pequenas linhas de recreio, os comboios rapidos para as estações de verão e balneares, que nos facilitassem as pequenas viagens, de algumas horas, quando menos se pensa em viajar, quando se quer fumar um charuto longe da cidade, respirando um pouco de ar puro, e voltar a casa, a tomar cha com a familia, ou estar em Lisboa a tempo de não perder o theatro.

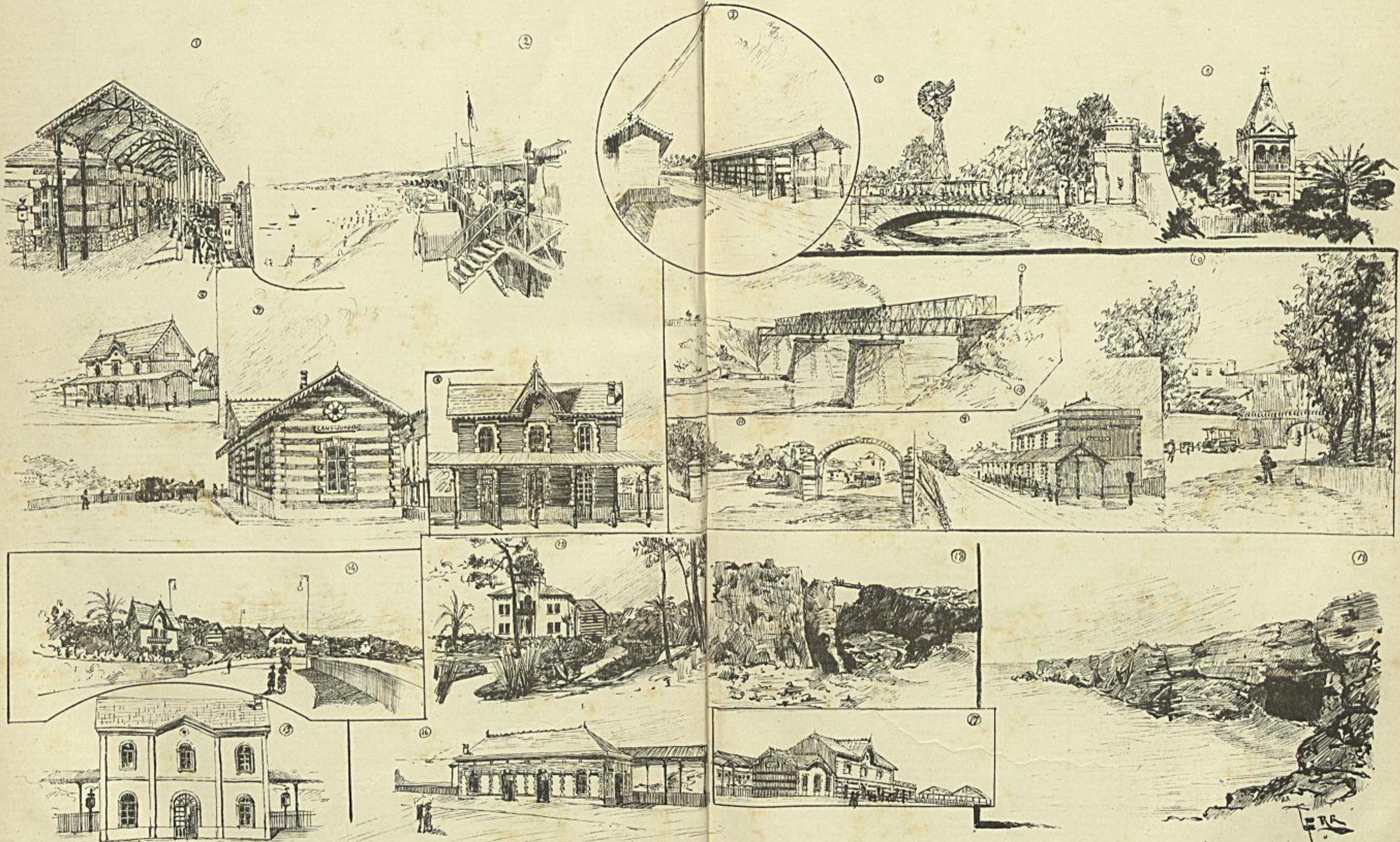
São essas as que ultimamente se teem inaugurado.

Primeiramente a de Cintra, aquella delicia de vinte e oito kilometros, que tão bem nos prepára para gosar a encantadora villa, ao noroeste de Lisboa.

Agora veio Cascaes, a villa aristocratica, a sentinella avançada da nossa barra, convidar-nos a que a visitemos, a que vamos ali passar um bocado de tempo, sem necessidade de ir aos baldões dentro de um trem, durante quatro horas, nem de gastar um punhado de meias coroas, só em transporte.

Não é, portanto, menos util a missão d'estas pequenas linhas, do que a das grandes vias que percorrem o paiz em toda a sua extensão; missão de que resulta um grande beneficio para os habitantes de uma capital como a nossa, que nem sempre pódem emprehender grandes viagens, nem devem circumscrever os seus passeios a andar no vaevem da Avenida, sob a escuridão electrica dos lampeões da nova companhia, ou a uma pacata carreira a Algés, no americano ou no Ripert.

Ter, a uma hora de distancia da cidade, um passeio agradavel, uma villa interessante, um pouco de ar refrigerante ou vivificador, é um grande bem com que as nossas linhas ferreas tem presenteado os lisboetas, em proveito d'elles e d'ellas, que vão as-

# CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

1 Estação de Pedrouços — 2 Praias de Pedrouços e de Algés — 3 Estação de Algés — 4 e 5 Vistas de Algés — 6 Estação de [illegible] d'Arcos — 7 Estação da Cruz Quebrada — 8 Estação de Caxias — 9 Estação de Oeiras — 10 e 11 Estrada real de Oeiras
12 Viaducto de Oeiras — 13 Estação de Carcavellos — 14 e 15 Estoril — [illegible]stação do Estoril — 17 Estação de Cascaes — 18 e 19 Bocca do Inferno

CAMINHO DE F[illegible]RO DE CASCAES

(Desenho do na[illegible] por L. Freire)

sim convidando a cidade a expandir-se por esses campos, e convidando-a tão energicamente, pela baratesa dos preços, que não ha resistir. Hoje Cintra, amanhã, Cascaes são as digressões favoritas, emquanto o tempo está bom, como o que este inverno nos tem dado.

Vamos, pois a Cascaes, leitor, e não repare em que o convidemos para a 2.ª classe, porque não ha 1.ª, emquanto a linha não estiver ligada com a de Alcantara, e n'este tempo de democratas aspirações, as carruagens de 2.ª classe da nova linha tiveram já a honra de serem elevadas a salões reaes, transportando a sympathica rainha viuva, e tudo quanto ha de melhor da nossa sociedade.

A linha parte de Pedrouços, entre o hotel Tejo e a praia de banhos, d'uma elegante estação que, por emquanto, é o terminus forçado, e de futuro será sempre de grande importancia, pela enorme população balnear que se lhe agglomera nas proximidades.

Segue d'ali a Algés, outra praia no mesmo caso, mais bonita mesmo, porque a guarnecem a bella avenida ajardinada, e os elegantes *chalets* e casas dos srs. Conde de Cabral, Polycarpo Anjos, etc.

Mais adeante as estações do Dáfundo e Cruz Quebrada servem estas localidades, sempre junto ás principaes avenidas, como que a convidar as familias que, de braço dado, passeiam nas estradas ou pela praia, a tomarem o comboio para Caxias, onde é a 5.ª estação, entre a quinta real e o forte do Bruno.

Até aqui a via é dupla, como nas linhas estrangeiras de grande affluencia, e a concorrencia dos passageiros tambem se vae encaminhando a dar uma idéa do que é um caminho de *baulieue*, lá fóra.

A par d'isto, o serviço vae se fazendo tambem um pouco *á estrangeira*, sem as ronceirices portuguezas, que fazem que um comboyo, em duas horas de viagem, gaste uma hora... parado nas estações.

Mas, nota curiosa, é isso o que mais tenho visto censurar na linha de Cascaes!

Porque nós os portuguezes somos assim: No transito, queremos a maior rapidez; uma velocidade vertiginosa, como a das linhas inglezas ou americanas; mas em se tratando de paragens nas estações, essas, então, que sejam longas, para que possamos resolver no nosso espirito, já depois do comboyo parado, o grande problema de saber .. como se sahe d'uma carruagem.

Familias ha que vão cavaqueando animadamente até á estação onde querem sahir, e só ahi se lembram, as senhoras, de que tiraram o chapeo e tem que pol-o de novo; os meninos abriram as malas e espalharam os bonecos sobre os bancos, é mister recolhe-los e emmallal-os; o pae não quer deixar a caixa dos oculos que tirou para lêr o jornal; a avó tem a sombrinha na rêde, e não chega com os braços a tiral-a.

E de tudo isto só se trata depois do comboyo parado, com a portinhola aberta, o chefe da estação levantando a campainha para dar a partida, e quinhentos passageiros á espera para seguirem viagem.

E então se no compartimento ha familia conhecida?

Isso é caso mais serio.

—Olhe, D. Fulana, a nossa casa é mesmo ali; segue-se esta estrada, volta-se á direita, depois á esquerda, onde está a caixa do correio, uma travessinha pequena, vae dar á egreja. Nós ficamos mesmo ao fundo da calçada que desce do outro lado, atravessando o largo, e mettendo por um becco. E então quando vem cá?

(E o guarda freio, de mão na portinhola, espera que as senhoras saiam.)

—Não prometto, minha senhora, emquanto a tia Eufemia não melhorar do seu rheumatico. Agora vamos nós procurar uma casa para ver se com os ares do campo...

(E o factor da estação pergunta ao chefe: — Posso dar a partida?)

—Ora vejam! Ficando aqui tão pertinho! Vem no comboyo, é tão barato, 70 réis por pessoa, e passam cá o dia. Tambem nós cá temos doentes; a mana Felizarda, anda em cadeira de rodas, o tio Joãosinho, esse, com os seus 70 annos, já não póde andar senão de muletas. Pois vão ambos para a explanada que temos no quintal, e estão all perfeitamente. O meu marido até chama áquelle sitio a explanada dos invalidos.

—Tem muita graça, mas é mais pequena que a de Paris...

—Creio que sim. Adeus, adeus que esta gente póde mandar partir, e nós ficarmos. Nunca vi gente tão apressada!

E lá vão pachorrentamente descendo, ainda a despedir-se.

Quando, finalmente, o trem parte, com 10 minutos de atrazo, é então que vêem que ficou lá o sacco com as fraldinhas do menino!

—Pedéra, diz a senhora, pois com a pressa com que nos fazem sahir do comboyo...

E afinal eu fiz como elles:

Cheguei a Caxias e quedei-me a conversar com o leitor, sem me lembrar de que tinhamos que ir até ao fim da linha.

Deixal-o. Como não temos bilhete de ida e volta, fiquemos aqui e para o numero que vem iremos até Cascaes.

*L. de Mendonça e Costa.*

---

## D. LUIZ I

### III

Foi cheio de angustias a entrada do novo soberano na realeza. Parecia que entrara a desgraça no Paço, e que um sopro cruel apagára a luz de todas aquellas existencias principescas. El-Rei D. Pedro V, e seu irmão D. Fernando morreram um após outro, fulminados pela doença com uma subitaneidade assustadora. O seu outro irmão D. Augusto achou-se entre a vida e a morte. Tudo isto foi occasionado, dizia-se, pela visita que os tres principes tinham feito ao Alemtejo, onde colheram os germens da febre typhoide. Mas os dois principes, que vinham de fóra do reino, não tinham estado sujeitos a iguaes influencias deleterias, e com tudo, apenas chegaram, o infante D. João adoeceu, e morreu pouco depois. O povo, enlouquecido por esta serie de desastres, já manifestava suspeitas de que houvesse um crime. Quiz uma coincidencia fatal que por esse tempo tambem morresse em Londres o principe Alberto, marido da rainha de Inglaterra, que jantára com os principes portuguezes. Foi envenenado, dizia-se, pela mão que attentou unicamente contra a existencia dos principes portuguezes, mas que involuntariamente envolveu o principe Alberto nas consequencias de essa criminosa tentativa. Havia então um bando de assassinos que tinha força bastante para envénenar os principes portuguezes á mesa da propria rainha de Inglaterra, e outros principes á mesa do paço portuguez? Era absurdo suppôr semelhante cousa, mas n'esses momentos, em que o povo está completamente desorientado, tudo se acredita, tudo se acceita como legitimo e justo. Pois não se chegou a accusar o nobre duque de Loulé, um dos caracteres mais integros do nosso paiz, de haver tentado um crime infamissimo? Todas as versões corriam, e em todas se acreditava. Soprava um vento de loucura, produzido pelos mais nobres sentimentos. Aquelles tumultos do Natal, classificados com tanta justiça por José Estevão «como a anarchia da dôr que respondia ao despotismo da morte» sobresaltavam e agitavam a capital. A situação era verdadeiramente assustadora.

Foi esse o primeiro exemplo dado por El-Rei D. Luiz d'essa coragem intima, que tantas vezes manifestou. Achando-se transportado de subito do seu viver tranquillo de principe, sem responsabilidades, para as eminencias de um throno cercado de procellas, e n'um momento em que eram legitimas todas as hesitações, vendo cair ao seu lado ferido por morte, que parecera mysteriosa, o seu irmão e companheiro de viagem, assaltado pelas suspeitas do povo, não podendo ter a certeza de que não accordaria sentindo os primeiros symptomas d'essa funesta enfermidade, podia facilmente perder a cabeça, sentir desfallecer o animo, ceder ás influencias do panico, e tomar alguma resolução, que denunciasse os seus receios, ou que manifestasse desconfianças. Pois esse joven principe de 23 annos não trepidou um instante, conservou ao seu lado os ministros, contra os quaes se levantára a furia e a suspeita popular, e, sereno e tranquillo, foi o unico talvez que não desanimou diante da tempestade. Essa coragem não concorreu pouco para conservar illesa a sua vida. N'esse momento, a fraqueza moral podia ter actuado no seu organismo, predispondo-o para receber tambem os germens da doença. A saude que desfructou n'esse periodo terrivel foi talvez a prova mais evidente da serenidade do seu espirito. Podia dizer, comtudo, que recebera, apenas subira ao throno, o baptismo de fogo da realeza, que passára pela provação mais terrivel que podia ter o noviciado de um rei, e, n'essas amarguras do seu começo de reinado, se retemperou o seu espirito, fino, flexivel, e forte como o aço.

O anno de 1862 teve para elle horas mais felizes. Foi então que se celebrou o seu casamento com a princeza D. Maria Pia, a filha do heroico Victor Manuel, cujo elogio não podemos nem devemos fazer agora. Está tão viva na alma de todos a lembrança da dedicação sublime que ella mostrou á cabeceira de seu marido moribundo, temos todos tão presente a memoria d'esses vinte e sete annos em que a filha de Victor Manuel soube cumprir, ao lado de seu marido, os mais nobres deveres de esposa, de mãe e de rainha, que não distrahiremos a nossa penna do assumpto que a chama para tecer os elogios que merece a excelsa princeza. Apenas lhe citamos agora o nome para lembrar que foi n'esse anno de 1862 que se realisou o enlace de um principe de 23 annos com uma princeza de 15, ambos na flôr da vida, ambos herdeiros das mais nobres tradições, e ambos em tudo dignos do affecto que o povo lhes votou.

No anno de 1863 nascia o actual rei de Portugal, e durante esse tempo todo, até 1865, governou o ministerio progressista historico, presidido pelo duque de Loulé. Em 1865 tomava o ministerio regenerador as rede as do poder, que deixava em 1868. Durante esses primeiros seis annos de reinado, El-Rei viu o paiz florescer, prosperar, caminhar com plena tranquillidade na estrada do progresso, e os dois grandes partidos, revezando-se no poder, segundo as leis naturaes da rotação constitucional, contribuiam largamente para o bem do paiz. Ao ministerio do duque de Loulé deve Portugal principalmente a abolição dos morgados, que foi o complemento da emancipação da terra, tentada ousadamente pelos reformadores de 1834, e a transformação do regimen do importante rendimento dos tabacos, que fez com que se passasse do monopolio do contracto para a liberdade da fabricação, e o inicio da resurreição da nossa marinha, que mais especialmente a Mendes Leal se deve. O ministerio regenerador decretou o Codigo Civil, que é um verdadeiro monumento da nossa legislação, aboliu a pena de morte creando o regimen penitenciario, reorganisou o exercito que chegára a uma extrema decadencia, desenvolveu a agricultura e a industria, lançou as solidas bases do funccionamento normal do credito, e tentou a reforma financeira e a reforma da administração civil, que teriam de vez resolvido esses importantes problemas, se uma opposição inconsciente as não tivesse mallogrado. O que se fez comtudo depois senão restabelecer por parcellas, mas depois de grandes crises economicas, esse impostos de consumo que methodicamente e sensatamente creava uma fonte de receita, que era indispensavel? O que se fez depois tambem senão remodelar todos os annos em 1870, em 1875, em 1880, em 1886 a nossa administração civil, que ficaria vasada nos seus moldes mais regulares, se a lei de 1867 ficasse definitivamente governando? Mas as agitações que promoveram a queda do ministerio regenerador vieram iniciar uma nova época em que D. Luiz por mais de uma vez demonstrou o seu tacto politico e as nobres qualidades do seu espirito.

*Pinheiro Chagas.*

---

## OS MEUS LIVROS

### I

Sobre a nossa banca de trabalho estão alguns livros que nos foram directamente offerecidos pelos seus auctores.

Tres volumes sobre as *Antiguidades monumentaes do reino do Algarve* — paleoethnologia pelo erudito academico Estacio da Veiga; *De l'encéphale humain avec et sans commissure grise* ensaio synthetico d'observações anatomo-psychicas «post mortem» e suas relações com a criminalidade, trabalho apresentado ao Congresso internacional d'anthropologia criminal em Paris, pelo dr. F. Ferraz de Macedo; *Annaes de bibliographia portugueza* — dirigidos pelo distincto poeta e academico Joaquim de Araujo; *Elisa de Monternão* — scenas da vida intima — romance original de João José Jara.

*

Os srs. Estacio da Veiga e Joaquim de Araujo, socios da Academia Real das Sciencias, teem honrados creditos; o primeiro de abalisado escriptor o segundo de homem da mais profunda sciencia; cujos merecimentos são de ha muito reconhecidos entre nós. O sr. dr. Ferraz de Macedo, é um medico distincto, estimado e requerido por muitas sociedades scientificas da Europa e America e n'ellas ouvido com respeito e consultado com insistencia. Não necessitam pois do nosso appoio ou recommendação, e podem ceder, generosamente, a vez a um novo, a um recemchegado á republica das lettras; — referimo-nos ao auctor de *Elisa Monternão.*

Eis pois as razões que nos determinaram a tratar primeiro da obra de João José Jara e depois

dos trabalhos dos conhecidos escriptores Estacio da Veiga, Ferraz de Macedo e Joaquim de Araujo.

*Elisa de Monternão* é uma hysterica produzida pelo *meio*, fora d'elle seria um typo muito diverso e nunca seria uma victima da sorte que no mesmo *meio* se chama *Frederico d'Almeida*, o noivo de Elisa.

Segundo Briquet, a *hysteria* é uma nevrose no encephalo; e os phenomenos apparentes consistem principalmente na perturbação dos actos vitaes quando as sensações affectivas e as paixões se manifestam. Segundo Landouzy é uma nevrose no apparelho gerador da mulher annunciada por accessos *sem febre*.

João Jara, fundado de certo na melhor sciencia, expõe o seu exemplar de modo a não ferir Landouzy ou Briquet. A sua *Elisa* chora, ri, suspira sem motivo, é amavel em excesso para com os homens, fica em hilaridade ou em tristeza sem causa determinada. E n'este caso João Jara segue as prescripções de Grisolle que diz mais: — «estas mulheres tornam-se pensativas, mas são incapazes de raciocinar; muito impressionaveis, são excessivamente provocantes; comem mal, teem má digestão e sentem-se frequentemente agonia-das...» Portanto a protagonista é typo perfeitamente estudado que exemplifica uma theoria.

O livro de João Jara, *un livre de bonne foi* como diria Montaigne, sem pretenções de escola mas que eleva o auctor acima da sua obra, porisso que nos demonstra força e talento para mais e melhor. E dizemos assim pela razão de que nos pequenos *senões* (como a repetição de algumas phrases e crueza em alguns periodos, o que nunca pode ser defeito n'um livro de 400 paginas) que se nos deparam, não vemos mais senão o alheamento do artista que preoccupado com a sua analyse biologica não repara que o exornamento superficial é hoje tão necessario como nas gerações que vão passando o era o atavismo romantico.

O moço auctor de *Elisa Monternão* é, na linha do seu trabalho, um eclectico, não prefere escolas; e, firmado n'uma solida instrucção, obedece ao grito de Diderot: *etudie; la nature!* — E está com Royer-Collard repudiando os septicismos e materialismos da ocacidade modernica.

João Jara poz a este livro o sub-titulo de «scenas da vida intima» de onde deve depreender-se que vae continuar a sua serie de estudos. Faz bem. Pois a nosso ver o seu trabalho se não é mais humano do que o *Amor Divino* de Bento Moreno, por isso que o *humanismo* tem um limite — a Verdade — é mais feliz pela razão de colher mais no espirito do leitor; será menos scientifico mas é de melhor propaganda. João Jara seguio a lição de Champfleury «— A reproducção da natureza pelo homem não será nunca uma simples reproducção, nem uma imitação, será sempre uma interpretação.»

Todo o livro é tão despretencioso e de uma simplicidade que faz crear no leitor a ideia de ser capaz tambem de o escrever.

Carlos, barão da Moinhosa o pae de *Elisa*, o estravagante dissipador e leviano; Archanjo Miguel Lopes amigo *muito serviçal* em seu proveito, com essa torpe habilidade indispensavel á custa do soffrimento das pessoas que *serve;* Margarida a baroneza esposa de Carlos; D. Maria José, sogra do barão, que educou Margarida para victima, e conseguio-o; e a velha creada Nascimento, uma *amiga da senhora:* — são typos *d'aprés nature* demonstradores do orientado estudo de Jara e do altissimo valor de uma verdadeira analyse psychica e que um paiz onde se tratasse menos de *nomes* e mais das obras, — fariam a reputação do seu auctor.

O romance é todo iriado de aguarellas e impressões de *visu* que n'um rasgado traço dão ideia completa do meio, dos homens e das coisas. Descreve-nos uma parte da villa de Convalles:

«Os velhos paços reaes, limitando a varzea, olhavam solemnemente uma campina infinita, e sob as suas janellas gothicas, brazonadas, pareciam ver-se ainda os poetas entregando madrigaes ás damas da rainha, os guerreiros offerecendo *bouquets* nas pontas dos gladios. A ermida profanada servia de tumulo ao sol, durante o mez de maio, e as andorinhas construiam alli os ninhos agasalhados, juntos a outros em ruinas onde uma manhã nasceram.»

«Trepadeiras germinadas casualmente entrelaçam-se até á cruz, o beiral, d'onde, ás vezes, cahiam pennas brancas, despojos dos affagos columbinos no ultimo crepusculo.»

«Oliveiras velhas, roidas pelas cabras, cercavam a capella real d'uma sombra fresca, e forneciam, ás creanças, os ramos para armar aos passaros. A grande fonte da destruida quinta magestatica existia ainda, e depois de lá se encontrar uma imagem consideraram-na milagrosa na cura das ophtalmias, e os doentes de Convalles, e dos arrabaldes banhavam os olhos nas aguas tranquillas, ao primeiro luar de cada mez.»

«As ruinas, segundo uns de solar, segundo outros de forte, segundo outros ainda de templo, captivavam a attenção dos estrangeiros e dos visitantes que contemplavam severamente os restos da sua grandeza architectonica, a qual o tempo, dir-se-hia, destruira, osculando de sentimento. Era impossivel sorrir deante d'essas ruinas.»

Vejamos ainda a paizagem que precede uma festa do campo:

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Pelo meio dia o sol rompeu, sorriu envolto em «azul sereno; mas este sorriso do Ceu, como o «sorriso de quem soffre, durou apenas momentos «vaticinou mais pranto. Chuveiros medonhos in-«nundaram as praderias.

«A' tarde, emfim, os cumulos dissiparam-se, o «vento mudou e uma nortada aromatica enxugou «as campinas que apresentaram então a alpestre «formusura do quadro bonançoso immediato á «tempestade. As aves cantavam sobre as folha-«gens mais verdes; as solidões, que bramiram, «passaram a escutar; o regato, antes negro, trans-«bordava ondas glaucas, empoeiradas de sol; as «flores erguiam-se, as mariposas sucrestavam-nas. «as raparigas, á janella, agradeciam a Deus. Depois «desmaiou a tarde; os sinos repicaram ao final «da trezena; ouve-se um sol-e-dó, começa o ar-«raial.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

João Jára conduz orientadamente a sua these: — *o hysterismo é o drama.* A meio do romance estala a tormenta, nem a disciplina da familia, nem os carinhos maternos, nem a consideração do meio actual pusilanime que rodeia os ricos, conseguem affastar o fatalismo da nevrose.

Elisa chega ao momento em que«... Não detestava nenhum, não preferia nenhum, não amava nenhum.»

O caso physiologico accentua-se, impõe-se, e a paginas 188 o auctor chega a escrever o seguinte. «Com o padecer moral operara-se em Lili a do-«ença organica. Os ataques nervosos, mais amiu-«dados redobravam d'intensidade, as nevralgias «molestavam-na, e uma tossinha secca, rebelde, «doria-lhe o peito harmoniso de anhelitos.

«Torna-se bruscamente enternecida ou irrita-«vel. As vezes, sem mais nem menos, encostava «a fronte sobre a mão e desatava a soluçar.»

E o sabio Grisolle diz que» *estas mulheres* choram e riem sem outra razão alem da motivada pelo *seu estado.*»

O romance segue, prendendo, dominando o leitor pela *realidade* descriptiva, não falseando nunca os personagens, até á morte de *Elisa Monternão.*

*

João Jara no romance, como Lopes de Mendonça no drama, firmou o seu nome.

E mais um camarada n'esta campanha de rejuvenescimento que se está operando em Portugal desde o centenario de Camões.

Ha sobretudo no trabalho de João Jara uma nota vibrante de revolta, de insubmissão a *cotteries*, que lhe hade trazer latentes aggressões, mas para antidoto a esse veneno deixamos-lhe aqui a seguinte prescripção de Champfleury datada de 25 de março de 1857: — *Produire toujours, sans souci des lois de la nature qui veulent que l'arbre donne certaines années de brillantes récoltes et rien l'an suivant, qui font que certains fruits sont mangés aux vers, d'autres non arrivés a la maturité, quelques-uns volés par les maraudeurs, d'autres ecrasés par les roues des charretes; mais jusqu'á ce que l'arbre meure et disparaisse, il n'en a pas moins donné une somme de récoltes qui font qu'on oublie et les années manquées, les fruits verts, et ceux grignotés par les escoux.*

Champfleury n'um dos momentos de desalento que dominam toda a alma verdadeira de artista, foi despertado pelo barulho produzido das violentas sacudidelas que o rapazio dava ao tronco de uma laranjeira afim de fazer cahir alguns fructos, disse:

— Parece-me que tambem eu preciso de ser sacudido!

E metteu mãos á obra que tão firme nos legou.

Portanto não se admire o sr. Jara das sacudidelas que o rapazio litterario lhe dê á sua arvore, á sua obra, porque é assim que os fructos cáem; e ha fructos muito saborosos, que ninguem os prova, por falta de resolução em os ir colher.

O auctor presta na primeira pagina do seu livro um digno preito á Sciencia, ao Genio da Poesia e á Amisade dedicando o seu trabalho a João Bonança, Gomes Leal e Joaquim Zeferino Ferreira.

Era justo que João Jara, possuidor de verdadeiro talento, rendesse homenagem ao atheleta do *Anti-Christo* e ao poderoso auctor da *Historia da Luzitania e da Iberia*. Só os homens de verdadeiro valor sabem prestar justiça ao verdadeiro merito.

*Manoel Barradas*

## A COMEDIA DA VIDA

### O ROMANCE D'UM AMANUENSE

#### XVIII

— Sim senhor, mando batatas tambem! disse o regedor agradecido sim, mas cheio de dignidade. E affastou-se.

O major Rodrigues, já escaldado, não se fiou muito n'esse affastamento e não entrou para a escada senão depois de ter visto o sr. Tavares dobrar a esquina.

Quando viu desapparecer o regedor no horisonte, soltou um suspiro d'alivio, e certo agora de que elle se fôra embora de vez, que não o faria mais andar a fechar e a abrir a porta, a subir e a descer degraus, como até ali acontecera, entrou no patamar, subiu os seus dois lanços d'escada, o mais depressa que poude, sempre pelo sim e pelo não e metteu-se em casa.

A familia estava toda alvoraçada; elle contou então o que se passara despindo o seu fato enxarcado e pondo-o a enxugar na fornalha, tranquillisou a familia, seccou-se a si, e depois metteu-se na cama meditando nos acontecimento estranhos d'essa noite accidentada e espirrando como se estivesse na côrte da Rainha Jacintha.

E o socego reinou alfim na mansão do major Rodrigues!

#### XIX

Em casa de Quim Barradas ha muito que esse socego reinava: mas no fim de tudo não passava d'um socego apparente, d'uma illusão das apparencias falsas d'este mundo, d'essa illusão que creou o anexim celebre: *Por fóra cordas de viola por dêntro pão bolorento.*

As cordas de viola eram as janellas heremeticamente fechadas, denunciando perfeita tranquillidade lá dentro, o somno calmo da familia, tão calmo, tão profundo que o chinfrim enorme da rua com bombas, apitos, aguadeiros e tudo, passou por elle como cão por vinha vendimada.

O pão bolorento era a alma do Quim, violentamente agitada pelas scenas que se tinham passado.

— O major estará doido? perguntava elle a si proprio na solidão erma do seu quarto, emquanto cá fóra o major e o Jacintho jogavam as cristas.

E apezar de lhe convir muito uma resposta affirmativa a esta pergunta, apezar de sua irmã e de sua creada lhe darem essa resposta affirmativa, cheias de convicção, em que o major não estava bem da cabeça, apezar de tudo isso, o Quim, lá no fundo da sua consciencia, não acreditava mesmo nada n'essa resposta.

O Quim tinha medo de profundar muito os motivos que levaram o seu visinho major áquelle estranho procedimento para com elle: achava muito mais agradavel e muito mais commodo explicar todo esse procedimento e todas as palavras que ha dois dias o major lhe dizia, por desarranjo da mólla, mas o Quim sabia bem que essas palavras não eram tanto de doido como elle desejaria que fossem, e que por detraz d'aquillo tudo havia qualquer coisa bem seria, bem grave, que por isso mesmo elle não queria esclarecer muito.

E foi a meditar em tudo isso, na sua situação actual, e na maneira de sahir d'ella sem desaire, que o Quim passou quasi toda a noite, emquanto na rua, das massas agitadas, começava a surgir uma guerra civil, muito a tempo afogada pelo esguicho providencial da bomba que enxarcou o major.

Era já quasi manhã quando o Quim conseguiu conciliar o somno, mas a sua labutação continuou na mesma, e com os olhos fechados, o Quim, não via senão o major e duellos.

E os duellos, sobretudo, é que lhe faziam correr um calefrio pela espinha dorsal, é que o enchiam de pavor.

E sonhando assim, agitadamente, cheio de sobresaltos, lá levou a madrugada e parte da manhã.

Eram 10 horas quando accordou; levantou-se pallido, com olheiras, cara de mal dormido, vestiu-se e foi para a mesa do almoço.

A criada, quando lhe trouxe os ovos quentes, trouxe-lhe tambem um jornal que o correio lhe levara.

Era o *Jornal do Commercio.*

O Quim não era assignante nem recebia nunca esse jornal.

O que queria dizer aquillo?

Lançou os olhos para a cinta e fez-se pallido ao ver o seu nome e a sua morada escriptos n'uma lettra que para elle lhe não era de todo estranha.

E foi com mão tremula que elle rasgou a cinta e abriu o jornal.

Correu os olhos pela primeira pagina, e nada.

Correu os olhos pela segunda: nada tambem

Na terceira, porém, saltaram-lhe logo á vista dois longos traços a tinta negra, ladeando uma extensa noticia e tendo em cima, tambem feita á mão, uma enorme cruz preta.

— É isto! balbuciou o Quim, e começou a lêr:

COMMUNICADOS
PENDENCIA D'HONRA. COBARDIA.
ADVERSARIO QUE FOGE

E logo ao vêr este titulo o Quim sentiu como que uma coisa na vista e perdeu os sentidos.

Quando a criada veio com o chá, para levar o copo dos ovos, encontrou-o como morto na cadeira, tendo pendente da mão inerte o *Jornal do Commercio*.

Assustou-se muito e começou a bradar em altos gritos:

—Senhora! Senhora! Venha cá depressa! Ó senhora! O patrão está morto! Senhora! Ó senhora venha depressa! Morreu o patrão! Senhora! O' senhora! não ouve?

Só se estivesse morta é que a senhora, a Emilinhas, deixaria de ouvir aquella berraria atroadora feita pela criada, com toda a força dos seus valentes pulmões provincianos.

A Emilinhas estava a pentear-se no seu quarto.

Ouviu os gritos da cosinheira e deitou a correr por ali fóra com a trança de cabello na mão.

— O que é isso mulher? O que aconteceu?

— Morreu o senhor!

— Morreu! repetiu Emilinhas embatucando com esta noticia dada assim brutalmente, á queima-roupa.

E olhou para o irmão.

Ao vêl-o, porém, immovel, muito pallido, exactamente como um cadaver, fez-se muito pallida tambem, soltou um grito estridente e cahiu redondamente no chão, desmaiada.

— Ai! meu Deus! gritou a criada, morreu tambem a senhora! Ai! Jesus! Ai! Jesus! Isto é coisa que anda na casa e dá na gente! Isto é por força obra de epidemia! Credo! Meu Deus! Querem ver que tambem eu morro! Ai! Ai! que já não me sinto bem! ai!

E foram taes os gritos da criada, que o Quim achou logo os sentidos apenas elles lhe chegaram aos ouvidos.

Abriu os olhos lançando-os em torno de si, e vendo a cara aterrada da cosinheira, muito esfogueada, com o sangue todo nas faces, e os olhos esbugalhados, como que a saltarem-lhe pela cara fóra, perguntou logo muito aterrado tambem.

— É o major?

— Morreu! Morreu!

— O que? O major morreu? perguntou o Quim, illuminando-lhe o rosto uma grande aureola de alegria, de contentamento.

— Não senhor! não foi o major.

Quim entristeceu outra vez.

— Foi a senhora!

— A senhora?

— Sim, a sua mana, a sr.ª D. Emilia!

— Estás doida, mulher! bradou inquieto Quim, pondo-se em pé.

— Olhe! ali a tem!

— E' verdade! Mas como foi isto? perguntou aterrado o Quim, debruçando-se para sua irmã.

Mas socegou logo porque vira pelo pulso que se tratava apenas d'um ligeiro chelique.

— Mas como foi isto? Como cahiu a senhora? perguntou elle á creada, ao mesmo tempo que despertava sua irmã e lhe batia nas mãos para a fazer voltar a si.

— Olhe, foi assim, eu lhe conto, explicou a criada: quem primeiro morreu foi o senhor...

— Hein?

— Sim senhor, quando eu entrei aqui estava o senhor morto. E vae d'ahi eu chamei a senhora, ella olhou para o senhor, e não sei o que lhe deu pela cabeça que cahiu logo tambem mortinha.

— Pateta! és uma tola! Foste assustar a mana! disse zangado o Quim, começando a burrifar sua irmã.

Emilinhas abriu os olhos, e vendo que quem a borrifava era seu irmão, exclamou com uma grande accentuação dramatica:

— Vivo! Obrigado meu Deus!

(Continua). *Gervasio Lobato*

BENTO DA FRANÇA — FALLECIDO EM 21 DE OUTUBRO DE 1889

## REVISTA POLITICA

O facto politico mais importante d'estes ultimos dez dias foi o concerto do ministerio, que preocupou curiosamente os espiritos que se entregam á politica.

Foi demorada a gestação, mas afinal veio á luz, sem ser o que se esperava, pelas varias combinações que se tinham feito, e de que, a cada momento, corriam noticias no publico.

A parte d'essas combinações nos referimos na nossa ultima revista, pondo-as de quarentena por nos parecerem irrealisaveis, e o tempo veio confirmar as nossas duvidas sobre a recomposição, que se dava por certa, com o sr. Antonio Ennes e Oliveira Martins.

Não podia ser. Os illustres politicos eram resistentes de mais para remendos, e a sua resistencia só servia para se romper o resto que está no fio.

Mas o mais interessante é que a escolha do sr. Augusto José da Cunha para ministro da fazenda, não nos parece que fosse mais feliz, porque o caracter de sua ex.ª tambem não é facilmente acommodaticio ás formulas do actual gabinete, e por maior que seja a caridade com que acode ao governo, lá teremos nova roptura irremediavel, sem concerto.

Ora em verdade para isto não valia a pena o sr. José Luciano andar a mendigar ministros para lhe concertarem o gabinete; chamar a Lisboa o sr. Correia de Barros como oraculo para o consultar na grave conjectura, provocando este facto os mais comicos commentarios na propria imprensa progressista, e por fim haver ainda quem duvide que o sr. Augusto José da Cunha acceite o presente que o sr. José Luciano lhe quer fazer.

Não tem porém fundamento essas duvidas, porque as nomeações dos novos ministros, apesar de ainda não terem apparecido no *Diario do Governo*, é certo que apparecerão, exactamente como o vinho novo, pelo S. Martinho.

Com respeito ao novo ministro da guerra, que deve substituir o actual que se acha doente ha muito tempo, não se offerecem as mesmas duvidas.

O sr. Franzini, par do reino como o sr. Cunha, vae tomar conta de uma pasta mais pacifica, apezar de ser a da guerra, e então está bem desde que sua ex.ª acceitou o sacrificio.

Tudo isto só prova uma coisa: é que o governo lucta com graves difficuldades para se conservar no poder, e que essas difficuldades, em vez de ser a opposição que lh'as promova, são os proprios progressistas que as levantam.

Parece que o pomo de toda esta discordia, é o proprio sr. José Luciano, a quem falta evidentemente a tatica e o prestigio necessario para se impôr, não conseguindo congraçar os dissidentes, que se conservam n'uma reserva mais ostil que favoravel ao governo, não partilhando das mesmas idéas e formulas administrativas do actual gabinete.

E se isto é assim, que confiança poderá inspirar a completação do gabinete?

O futuro se encarregará de confirmar as nossas palavras, que não prophetisam coisa que todos mais ou menos não prevejam, mas que só o sr. presidente do conselho parece não vêr, na alucinação com que se quer salvar do naufragio eminente.

O saber retirar a tempo é de muito melhor tatica, do que esgotar as forças em luctas inglorias.

*João Verdades*

## RESENHA NOTICIOSA

RETRATOS D'EL-REI.—Lemos em diversos jornaes que o sr. Casanova vae ser officialmente encarregado de pintar os dois retratos d'el-rei o sr. D. Carlos, destinados a ficarem sob os doceis das camaras dos pares e dos deputados. E desconfiamos que os ditos jornaes façam o comentario, que deve recahir sobre tal noticia, no laconismo com que a relatam. Nós, porém, não hesitamos em ser um pouco mais claros, protestando francamente contra o facto de se concederem dois trabalhos d'importancia e de certa significação a um artista que, áparte o ser estrangeiro, não passa d'um aguarellista habilidoso.

Porque nós sabemos que ha ahi artistas portuguezes de incontestavel merecimento, que teem de cruzar os braços á falta de trabalho, e que se vão aborrecendo da arte n'este meio singularmente ingrato. E quer-nos parecer que a inercia, a mudez da imprensa, é cumplice de muitas anomalias, que perturbam d'alto a baixo a existencia da sociedade portugueza.

OUTRO. — Correu ahi uma noticia de que a camara municipal de Lisboa, encommendára a um esculptor francez, mr. Ernesto Hiron, que não temos a honra de conhecer no mundo artistico, um busto de El-Rei D. Luiz. Esta noticia parece-nos tão incoherente com os bons desejos que a camara municipal tem manifestado em proteger a arte nacional, que não nos merece credito.

No emtanto será bom lembrar que havendo no paiz esculptores distinctissimos, que o seriam mesmo no estrangeiro se lá estivessem, esses artistas não lhes sobra o trabalho, para que se foram habilitar alguns d'elles estudando no estrangeiro como pensionistas do Estado. Pensionar o Estado artistas para estudarem, e quando tem alguma occasião de lhes aproveitar a sua reconhecida competencia, preteril-os por qualquer estrangeiro que appareça, só em Portugal acontece!! Isto põe o espirito em grande confusão ao querer profundar os motivos que determinam tão fabulosos casos!

**Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES**